

A intelectualidade telúrica de Ada Curado: uma grande escritora em Goiás no século XX

ANA CAROLINA EIRAS COELHO SOARES¹
Universidade Federal de Goiás

DANIELLE SILVA MOREIRA DOS SANTOS²
Universidade Federal de Goiás

RESUMO: Mulheres como Ada Curado (1916-1999) não possuem espaços nem na historiografia tradicional nem no cânone literário, ambos essencialmente masculinos. No entanto, dentro das perspectivas analíticas da história das relações de gênero e das mulheres, descortina-se a possibilidade de entender a trajetória dessa mulher excepcional em termos de engajamento político e produção cultural. Existia uma grande rede de apoio entre mulheres escritoras e intelectuais em Goiás, ampliando e incentivando sua participação nos espaços públicos. Foi justamente nesse contexto que Ada Curado viveu e produziu obras diversas, tecendo críticas e observações políticas, culturais e sociais fundamentais, tanto regionais quanto nacionais. No rol das mulheres artistas intelectuais que fizeram parte da História, Ada Curado, esquecida pela História e pela Literatura foi uma voz potente em seu tempo.

Palavras-chave: Gênero; História; Literatura; Ada Curado.

ABSTRACT: Women like Ada Curado (1916-1999) have no space either in traditional historiography or in the literary canon, both essentially masculine. However, within the analytical perspectives of the history of gender relations and women, the possibility of understanding the trajectory of this exceptional woman in terms of political engagement and cultural production is revealed. There was a large support network among women writers and intellectuals in Goiás, expanding and encouraging their participation in public spaces. It was precisely in this context that Ada Curado has lived and produced diverse works, criticizing and presenting fundamental political, cultural and social observations, both regional and national. In the list of women intellectual artists who were part of history, Ada Curado, forgotten by history and literature, was a powerful voice in her time.

Keywords: Gender; History; Literature; Ada Curado.

1 Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em História-UFG e da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: anacarolinaufg@gmail.com

2 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: dan.historia.ufg@gmail.com

O presente artigo busca compreender a trajetória profícua e diversa de uma das intelectuais mais proeminentes em Goiás no século XX: Ada Curado, que foi escritora, ensaísta, pesquisadora, literata, memorialista, intelectual, cronista, administradora, ficcionista, conferencista, oradora e ativista. No entanto, seu nome não aparece na memória e no cânone historiográfico literário goiano e nacional. Ada foi um ícone no campo da criação artística e cultural em seu tempo, como produtora intensa de múltiplas expressões de conhecimento literário, porém foi obliterada como sujeita produtora de saberes e tanto suas obras como sua trajetória são ainda pouco debatidas no campo da História.

É preciso, portanto, não somente visibilizar sua existência como compreender as marcas de assimetria de gênero que estruturaram a lógica do cânone literário fundamentada em um sentido histórico com uma falsa noção de neutralidade³ que escamoteia as inequidades de poderes que se fundamentam, e que continuam operando, para perpetuar essa lógica normativa canônica centrada nas figuras dos homens brancos héteros como principais referências de sujeitos produtores de conhecimento e saberes.

Se, em última instância, as diferenças de sexo a que o gênero se refere são inexplicáveis, por esse mesmo motivo as categorias de gênero são maleáveis. Elas podem ser vinculadas a outras instituições como uma maneira de esclarecer seu significado, mas também podem ser usadas para explicar e legitimar essas instituições – entre elas

3 De acordo com Ana Carolina E. C. Soares e Jaqueline Ap. M. Zarbato, é preciso um (re)visar os sentidos históricos para não apenas narrar as existências das mulheres no passado, mas principalmente, entender “(...) suas existências através de um caráter relacional e clivado de poderes, como, sobretudo, elas se tornam protagonistas e sujeitas de ação.” (2020, p. 07)

família, raça, estado, nação – e as suas divisões internas hierárquicas (SCOTT, 2020, p. 15).

Ser intelectual, dentro de uma perspectiva que envolve relações de poder e papéis de gênero tradicionais, significava, primordialmente – e ainda significa no mundo contemporâneo – ser homem, uma vez que as instituições de poder admitem e reconhecem prioritariamente as palavras escritas e ditas pelos homens como tendo maior validade e fundamento, do que as mesmas palavras quando ditas ou escritas por uma mulher. Inúmeros são os exemplos do passado e do presente e as marcas dessas desigualdades residem na própria definição primária de poderes entre os gêneros, dados pelas diferenças socialmente reconhecidas entre os sexos.

Quando um homem diz para uma mulher, categoricamente, que ele sabe do que ele está falando e ela não, mesmo que isso seja uma parte mínima de uma conversa, perpetua a feiura deste mundo e tira dele a sua luz. Depois que meu livro *Wanderlust* [Sede de Viajar] foi publicado em 2000, eu me senti ainda mais capaz de resistir a intimidação desse tipo – a ser intimidada a ponto de abandonar minhas próprias conclusões e interpretações. Naquela época, em duas ocasiões fiz objeções ao comportamento de um homem, sendo então informada que os incidentes não haviam acontecido tal como eu relatei, de modo algum, que eu estava sendo subjetiva, delirante, exagerada, desonesta – em suma, sendo mulher (SOLNIT, 2017, p. 18-19).

A atividade intelectual pressupõe a inteligência, o raciocínio lógico e o domínio do mundo público, algo que historicamente foi desassociado das mulheres, especialmente pelos discursos religiosos, jurídicos e médicos, tal como lembra Maria Izilda Matos sobre a “condição inferior da natureza

da mulher”.

O cérebro e os ovários não poderiam desenvolver-se simultaneamente, de modo que as atividades intelectuais femininas poderiam produzir um ser débil, nervoso, estéril – e talvez, pior ainda, poderiam gerar crianças doentes ou malformadas. Nesse sentido, as jovens não deveriam abusar das atividades intelectuais, canalizando suas energias para o perfeito desenvolvimento de suas faculdades reprodutoras (MATOS, Maria Izilda. 2005, p. 53).

Evidentemente, estes estereótipos de gênero não impediram que várias mulheres se identificassem como parte da intelectualidade e da elite cultural. Muitas delas tinham consciência das barreiras e das dificuldades que precisavam ser rompidas e fizeram da literatura uma arma na batalha pela educação, pela emancipação intelectual, por direitos políticos e por projeção social. Não obstante as dificuldades, elas não se abstiveram de analisar criticamente o contexto político e social, levantando questões políticas em suas obras, fazendo uso de linguagens e estilos diversos. É necessário, portanto, um fazer histórico que reconheça e incorpore em suas narrativas de passado as trajetórias e existências dessas mulheres que, efetivamente, fizeram história em suas épocas.

A história está, pois, em jogo nessas fronteiras que articulam uma sociedade com seu passado e o ato de distinguir-se dele; nessas linhas que traçam a imagem de uma atualidade, demarcando-a de seu *outro*, mas que atenua ou modifica, continuamente o retorno do “passado”. (CERTEAU, 1982, p. 48)

Para Constância Lima Duarte (2009), a história das atividades intelectuais

das mulheres se confunde com a história do movimento feminista e da luta das mulheres por reconhecimento e participação na vida pública e política. Eva Alterman Blay (2019: 65-97) afirma que o trabalho de Constância Lima Duarte foi uma verdadeira “arqueologia literária” que permitiu apresentar figuras precursoras dessas batalhas desde o século XIX.

Assim como a arte não é algo destacado da prática social, as visões de mundo veiculadas por meio da criação literária não são elaborações de um indivíduo isolado. Elas são compartilhadas e também referidas a grupos sociais mais amplos, e nesse sentido, são coletivas. (FACINA, 2004, p. 32)

E a História dessa artista intelectual surge, justamente, nos agitados ventos do início do século XX quando a personagem central desse artigo, Ada Curado, rebentou ao mundo. Em 02 de setembro de 1916, nascia em Jardinópolis, no Estado de São Paulo, Ada Paiochinni Ciocci. Por várias oportunidades públicas afirmou ser paulista de nascimento, mas goiana de coração. Possuía descendência italiana, filha de Nazareno Ciocci e Josefina Paiuchini Ciocci, que tiveram, além de Ada, mais 4 filhos e 5 filhas. Ainda criança, mudou-se para Pedregulho, ainda em São Paulo, próximo à divisa com Minas Gerais, onde cursou o ensino primário. Nessa cidade, em 1933, a jovem Ada conheceu seu futuro esposo, Gentil Fleury de Amorim Curado (10/11/1898-25/04/1980). Na época, Gentil Curado comandava a polícia militar em Goiás e havia sido designado, por Pedro Ludovico, para combater os revoltosos da coluna Prestes no interior de São Paulo. Foram tempos marcados por uma intensa agitação política no Brasil.

Ada e Gentil casaram-se no ano seguinte e se mudaram para Goiás. Ela, então, tornava-se uma Curado. Tiveram duas filhas: Messias Josefina e Cecy Aparecida. Segundo os textos biográficos que se referem a autora, encontrado no acervo da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), Ada se manteve leal ao marido em todas as horas, especialmente durante o agravamento dos problemas de saúde dos quais ele padecia. Possivelmente em razão do trabalho de Gentil, que ocupou altos cargos na polícia do Estado, a família teve que se mudar várias vezes e viveu em várias cidades goianas, tais como Anápolis, Ipameri, Goiás e, finalmente, em Goiânia, no início da década de 50, onde passaram a viver na Rua 18, no centro da capital.

Em Goiânia, Ada encontrou espaço para explorar seus talentos e criatividade. Estudou inglês e aprendeu piano no conservatório de música da Universidade Federal de Goiás. Entre os anos 1930 e 1950, Goiás mergulhou em um cenário de mudanças e transformações com a ascensão do governo Varguista, através da figura do interventor Pedro Ludovico. A construção, transferência e batismo cultural da nova capital visava suplantando o poder da antiga capital e trouxe novos ares para o Estado.

Na década de 1950, na nova capital de Goiás, surgiram importantes instituições de ensino como a Universidade Católica de Goiás (1958) e Universidade Federal de Goiás (1959). Foi justamente nesse período que foram publicadas as primeiras obras famosas da escritora. Ao longo de sua vida, Ada foi uma artista bastante versátil e se dedicou a temáticas diversas e de gêneros distintos. Dentre suas obras principais, constam: o romance *Morena* (1958); a coletânea de contos *O Sonho do Pracinha e outros contos* (1954); *Paredes Agressivas* (1977); *Nego Rei* (1966); *Figurões*

(1985); uma peça intitulada *Sob o tormento da espera* (1979). Além disso, no gênero de poesias, ao qual a maior parte das escritoras se dedicava, Ada produziu o livro *Acalanto* (1991), uma de suas últimas grandes obras. Ela também venceu alguns concursos de literatura recebendo prêmios e homenagens. Dentre eles, o prêmio por participação no concurso “Contos de Natal” da *Rádio Brasil Central* com o texto “Afilhado de Nossa Senhora” e homenageada pela antiga Associação Brasileira de Escritores de Goiás. Ada foi merecidamente contemplada com o troféu Jaburu nos anos 1990,⁴ além de várias outras homenagens e honorarias.

Em abril de 1957, o *Jornal Oio* fez uma enquete com alguns intelectuais goianos, a maioria homens, para saber quais eram, na opinião de cada um, os cinco melhores livros da literatura brasileira.

Figura 1. Trecho da enquete feita no *Jornal Oio*, edição de abril de 1957, na qual Ada participou.



Fonte: Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843997&Pesq=ada&pagfis=22>> Acesso set/2020.

4 Criado por lei no fim da década de 1970 e entregue pela primeira vez à poetisa Cora Coralina em 1980, o Troféu Jaburu, escultura em bronze de autoria da artista Neuza Moraes, é a mais distinta comenda que o Governo de Goiás concede aos nomes e valores da cultura goiana (<http://www.goias.gov.br/noticias/26931-entrega-do-trofeu-jaburu-2016-sera-nesta-quinta.html> acesso em 15.set.2020).

Dentre os títulos que mais foram lembrados estão textos literários, tratados sociológicos, além de outros textos diversos. No entanto, a maioria ainda bastante valorizada pelo cânone. No final da enquete, foi montado um quadro esquemático para destacar os livros e autores que foram mais citados: Euclídes da Cunha veio em primeiro lugar seguido por Machado de Assis, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Castro Alves, Monteiro Lobato, Hugo de Carvalho Ramos, Carlos Drummond de Andrade, José de Alencar e Gilberto Freyre, nessa ordem. A maioria dos intelectuais consultados nessa enquete eram homens⁵ e as únicas mulheres que participaram da enquete foram Ada Curado e Amália Hermano Teixeira. Os livros que Ada elegeu como os melhores foram: *Que sabe você sobre petróleo?* (1955) de Gondim da Fonseca, *Mar Morto* (1936) de Jorge Amado, *Marajó* (1947) de Dalcídio Jurandir, *O Sonho do Pracinha* (1954) de sua própria autoria e *Chão Estrangeiro* (1956) de Lúcia Benedetti. É interessante que Ada tenha tido a preocupação de citar seu próprio trabalho e o de outra mulher. Os únicos nomes de mulheres eleitos como autoras dos melhores livros brasileiros foram o de Ada Curado (citado por ela mesma), Lúcia Benedetti (igualmente citado por Ada), Maria José Dupré (citada por Eliezer Penna, com o livro

⁵ Dentre os intelectuais masculinos que responderam à enquete destacam-se: Eli Brasiense, José Godoy Garcia, Gilberto Mendonça Teles, José Milton Viana, João Neder, José Protázio, Armando Accioly, Domingos Félix, Oscar Sabino Jr, Eliézer Penna, Alberto Xavier de Almeida, Theo Netto, Wagner Pimenta, Eurico Barbosa, Getúlio Vaz, Abrão Isac Neto, Walmir Alencar, Geraldo Valle, Isorico Barbosa de Godoy, Padre Adolfo Serra, Joaquim Gomes filho, Moacir Belchior, Élder Rocha Lima, José Campos, Ernani Cabral, José Bernardo, Benedito Camargo Jr, Zecchi Abrahão, Jerônimo de Queiroz, Francisco de Brito, Aloysio Sá Peixoto, Messias Tavares, José Pereira Zeka, Haroldo de Brito Guimarães, Pedro Vigigane, José Luiz Bittencourt e Bernardo Élis. Ada Curado e Amália Hermano foram únicas mulheres consultadas.

Éramos seis, de 1934) e, por último, Dinah Silveira de Queiroz (citada por Ernani Cabral, com o livro *A muralha*, de 1954).

O *Jornal Oió* foi um importante periódico goiano que circulou entre 1957 e 1958, vinculado a livraria *Bazar Oió*, a maior livraria do Estado fundada pelos irmãos Olavo e Otelo Tormin. Nesse mesmo periódico, que serviu de instrumento de estímulo e fortalecimento do campo literário regional em Goiás (COSTA, 2018), Ada Curado foi citada como uma importante autora parnasiana que alcançou destaque fora de Goiás (SILVEIRA apud COSTA, 2018). Seus livros, por exemplo, continuaram a ser publicados após 1976, mesmo com o fechamento do *Bazar Oió* pela censura da ditadura civil militar.

Em 1970, com 54 anos, ela se tornou membra da *Academia Feminina de Artes e Letras de Goiás* (AFLAG), Patrona da Cadeira de nº 1, participou da *União Brasileira de Escritores de Goiás* e da *Associação Goiana de Imprensa*.

Ada Curado fazia parte do campo intelectual goiano em razão de seu reconhecimento como escritora renomada. A literatura, enquanto experiência artística e intelectual, apesar de se manter como um espaço marcadamente masculino foi, inegavelmente, um caminho trilhado por mulheres interessadas nos espaços públicos de atuação. Em seus textos, a autora buscou organizar e refletir sobre temáticas como a Revolução de 30, a Segunda Guerra Mundial, o Governo Vargas, as tradições religiosas e festivas de Goiás e as dinâmicas das relações sociais, além de demonstrar uma imensa erudição sobre temas diversos. Houve, nesse período, uma série de mulheres escritoras no grupo de intelectuais e jornalistas preocupados/as com as questões ligadas à cultura, à política e à identidade nacional. Ada destacava-se como um expoente de saberes. Ela

também se distinguiu em razão da sua opção por gêneros literários pouco usuais entre as mulheres autoras em Goiás, reconhecidas por suas poesias, mais do que por contos e romances.

Ao longo do século XX intensificou-se a organização de jornais e periódicos por mulheres. Além da imprensa, foi uma estratégia política comum a formação de agremiações, grupos literários e eventos públicos, empreendida por mulheres, majoritariamente de elite, interessadas em legitimar sua atuação em espaços que não unicamente o ambiente doméstico. Recentemente, esse tipo de movimentação em Goiás tem sido reconhecido por seu valor político e cultural, e vem sendo estudado, principalmente por pesquisadoras inseridas no âmbito dos estudos de gênero e história das mulheres.

Mulheres mais privilegiadas que recebiam instrução e aprendiam a ler e a escrever, se dirigiam ao mercado formal de trabalho e à vida pública. Grande parte delas se dedicava a profissões consideradas “femininas” como a datilografia, o secretariado e o magistério. As discussões sobre a legitimidade e as possíveis consequências dessa presença de mulheres nos espaços públicos invadiram a imprensa e a opinião pública se dividiu e várias mulheres, orientadas por ideais feministas, se mobilizaram para defender o direito de “estarem nas ruas”.

E se assim é, se ela demonstra clã e altivamente nas suas disposições aproveitáveis, o seu empenho em se nivelar aos homens, por que não lhe concedem os mesmos direitos que a eles são dados? Encontramos as mulheres em sua atuação fecunda com a sua inquebrável autoridade nos afazeres da imaginação, como na tribuna, na ciência médica, no magistério, no jornalismo, nos empregos públicos[...]. Acostumamo-nos, entretanto, a vê-la atarefada, carregando sobre os ombros a cruz pesada de donas de casa, trilharão

o calvário da vida, humilde, resignada, santa. [...] O feminismo, mas o feminismo libertador, o feminismo que nos fortalece para o trabalho, que nos anima e incita para lutar, entrou em nossos hábitos com toda a sua poesia, todas as suas promessas. Apesar dos revezes que surgem, dos obstáculos que se erguem arrogantes a sua realização, ele será um dia vitorioso. A mulher hodierna se modificou. Lá se foram para o museu do arcaísmo, para o rol do obsoletismo, as saias compridas, os cabelos longos (MACHADO, Graciema. Falta de imaginação. O Lar. Cidade de Goiás, p.3, 15 de março de 1928, n.39)

No século XX a modernização no estado de Goiás foi um imperativo que se concretizou na urbanização, no desenvolvimento da economia agrícola e no advento da ferrovia. “A modernização goiana foi seletiva e parcial, em que elementos tradicionais conviviam lado a lado com os modernos” (ARRAIS; OLIVEIRA, 2016 p.140). Uma modernização gestada por uma cultura política marcada pelo coronelismo, pela marcha do progresso, pelas disputadas políticas calcadas nos interesses das elites, no seio de uma sociedade que se configurou a partir da convivência e conveniência de dicotomias como o novo e o tradicional, o cosmopolitismo e o provincianismo, o urbano e o rural.

Dentre as discussões que envolvem a modernização nas terras goianas, destacamos que “essa modernização seletiva pôde ser considerada o catalisador de mudanças socioeconômicas e culturais” (ARRAIS; OLIVEIRA, 2016). Nesse cenário, a transferência da capital na década de 1930 despontava como o triunfo da modernização. O batismo cultural que ocorreu em 1942, contou com a presença do então presidente Getúlio Vargas, outras personalidades políticas, visitantes e grande parte da população que, naquele momento já somava quase dez mil pessoas. Na ocasião foram realizados eventos culturais, a inauguração do Teatro Goiânia e o

lançamento da *Revista Oeste*. Pouco mais de 10 anos depois, em janeiro de 1954, a recém-inaugurada capital do Estado de Goiás foi sede do *I Congresso Nacional de Intelectuais*.

Figura 2. Trecho do Jornal Diário de Notícias, edição do dia 29 de janeiro de 1954, Rio de Janeiro-RJ.



Fonte: Acervo da Hemeroteca digital brasileira. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&Pesq=%22congresso%20nacional%20intelectuais%22&pagfis=30025 > Acesso set/2020.

O evento teve como objetivo a defesa e a preservação da cultura dita nacional e contou com a participação de figuras conhecidas da literatura nacional e internacional, como o poeta chileno Pablo Neruda. Em uma nota no jornal *Diário de Notícias*, era feito o convite a toda a comunidade intelectual para comparecer ao evento que se propunha

refletir sobre a cultura nacional. A extensa nota ainda apresentava o nome dos componentes de cada comitiva estadual, dentre os professores, escritores, jornalistas e várias outras personalidades da comitiva goiana, anfitriã, pouquíssimos nomes eram de mulheres.

Figura 3. Trecho do Jornal diário de notícias, edição do dia 13 de dezembro de 1953. Rio de Janeiro.

mento entre os povos.
Assumimos, pois, o honroso encargo de convocar o PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS, a reunir-se, entre 24 a 31 de janeiro de 1954, na cidade de GOIANIA, a jovem e acolhedora capital do Estado de Goiás.
 Convidamos todos os intelectuais brasileiros a darem o seu apoio e a participarem desse importante certame cultural.
 Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1954
 A Comissão Organizadora
 Goiás
 aa) **Ada Curado**, escritora; Alfredo Faria Castro, professor, da Academia Baiana de Letras; Aluisio Sá Peixoto, jornalista; Amália Hermano Teixeira, educadora; Antônio Henrique Peclat, pintor e professor; Antônio Leão Teixeira, poeta; Bernardo Elis, escritor; Castro Costa, escritor; Caio Pacheco, universitário; Celestino Filho, poeta; Coleman Natal e Silva, historiador, Pres. Ordem Advogados,

Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_03&pasta=ano%20195&pesq=%22ada%20curado%22&pagfis=29099 > Acesso set/2020.

O nome de Ada Curado foi um destes raros nomes de mulheres presentes.

O cânone, que pode ser considerado um espaço de poder, sempre foi um ambiente pouco amistoso com o “frágil e belo sexo”. Mulheres intelectuais e escritoras sempre foram exceções nas narrativas da história da literatura, da ciência e das artes. A compreensão a respeito dessa ausência está muito mais relacionada à maneira como e por quem a história foi escrita, do que, necessariamente, uma real inexistência ou indisposição das mulheres para o universo da palavra. Inúmeras foram as mulheres brasileiras, de diversas camadas sociais, raças/etnias, identidades de gênero e sexualidades, que desde o século XIX, já faziam da escrita um ofício.⁶

A representação da mulher de letras [...] nas primeiras décadas de 1900 evidencia o ambiente muitas vezes hostil e pouco acolhedor para a mulher que buscava reconhecimento entre os intelectuais de seu tempo, bem como nos possibilita refletir sobre a construção do que se costumou nomear como o feminino” (DUARTE, 2009, p.15)

Talita Michelle de Souza (2017) destaca que, no Brasil e no mundo, o caminho que as mulheres tiveram que trilhar para deixarem de ser exclusivamente personagens da literatura, para se tornarem autoras, foi árduo e em diversos momentos tiveram que recorrer a estratégias como, por exemplo, o uso de pseudônimos para conseguirem publicar. Em Goiás não foi diferente, pois muitas foram as mulheres goianas que

⁶ Insistimos em citar alguns nomes de destaque como Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934), Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), Cecília Meirelles (1901-1964), Rachel de Queiroz (1910-2003), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Zélia Gattai (1916-2008), Clarice Lispector (1920-1977), Lygia Fagundes Telles (1923-), Hilda Hilst (1930-2004), Cassandra Rios (1932-2002), Adélia Prado (1935-), Marina Colassanti (1937-), Lya Luft (1938-), Ana Maria Machado (1941-), Conceição Evaristo (1946-).

contrariaram os discursos científicos, religiosos e morais que insistiam na suposta incompatibilidade da natureza feminina com o saber, nos males da leitura e da escrita para as moças ingênuas, ou que defendiam que a atividade intelectual desviava a mulher da sua “verdadeira missão” dentro do lar e do matrimônio.

Figura 4. Recorte do jornal goiano *Jornal de Notícias* edição de 1º de março de 1959, p.1.



Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843687&Pesq=%22ada%20curado%22&pagfis=3355>> set/2020.

Na primeira década do século XX tivemos iniciativas excepcionais, as mulheres atuaram como “guardiãs da cultura” (PRADO, 2015) e estiveram envolvidas em ações na antiga capital do estado, e permaneceram engajadas após a transferência da capital para Goiânia na década de 1930. Em 1917 foi produzido o jornal *A Rosa* que, apesar da curta existência, contou com a colaboração de Cora Coralina, mulher que viria a se tornar símbolo da literatura goiana. A célebre escritora goiana não deixou de pontuar as dificuldades e preconceitos enfrentados por elas, em Goiás no século XX.

Meninas, não aceitavam delas senão a linguagem corriqueira e vulgar da casa. Palavrinha diferente, apanhada

no almanaque ou trazida de fora, logo a pecha de sabichona, dona gramática, pernóstica, exibida. Um dia fui massacrada por ter falado lilás em vez de roxo claro. [...] A gente era vigiada, tinha uns preconceitos arrogantes de ridicularizar e limitar jovens personalidades (CORALINA, 1983, p. 44 apud CURADO, 2003, p.23).

Outra importante iniciativa foi o jornal *O Lar* que circulou entre 1926 e 1932. Nele colaboraram várias mulheres da família Fleury Curado, família da qual Ada passou a fazer parte quando se casou. O jornal ganhou destaque na Cidade de Goiás e se tornou uma vitrine literária de escritoras, um espaço onde elas exibiam orgulhosas suas produções.

Partimos da perspectiva da produção literária enquanto uma prática que as mulheres conquistaram com resistência e coragem, uma prática que deu sentido para a existência dos sujeitos femininos e que possibilitou a constituição desses sujeitos, por meio da experiência intelectual. Dessa forma, é importante enxergar o jornal [O lar], não apenas como um oceano contextual de imagens, mas percebê-lo como espaço de atuação artística, política e pedagógica dessas escritoras, agentes produtoras e reprodutoras de discursos, interessada em formar opiniões e dialogar com o público leitor (SANTOS, 2018, p.37).

Importantes instituições culturais como o Gabinete literário⁷ ainda na década de 1930, passam a ser dirigidas por mulheres. Outros grupos foram fundados como a Federação Goiana pelo Progresso Feminino⁸, em consonância com outras federações pelo progresso feminino criadas em outras regiões brasileiras no mesmo período. Foi uma época de grandes lutas por conquistas de espaços públicos.⁹

Em 1954, Ada participou do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais

7 Em 1929 o gabinete literário foi liderado por mulheres como Genezy de Castro e Consuelo Caiado, que estiveram à frente da administração dessa instituição. “O período em que elas estiveram à frente do Gabinete foi um dos períodos mais produtivos, com aumento no número de sócios e de palestras ministradas. As mulheres à frente do gabinete controlavam a circulação dos livros, a admissão de novos sócios e escolhiam os palestrantes e conferencistas. Dessa forma o projeto de projeção cultural empreendido por essas mulheres não se deu apenas através da imprensa, esteve relacionado também a outras atividades. Nas palestras do gabinete eram discutidos assuntos políticos, sociais e por meio dessas reuniões os escritores e escritoras goianas promoviam suas produções literárias. Dessa forma o gabinete foi importante para o reconhecimento intelectual dessas mulheres” (SANTOS, 2018, p. 30).

8 Fundada em 1931 por Consuelo Caiado em Goiás, inspirada na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundada no Rio de Janeiro por Bertha Lutz. De acordo com Suely Kofes (2010) essa federação representou uma experiência de institucionalização do feminismo em Goiás.

9 Na década de 1960, já na nova capital, as escritoras goianas se dedicaram a construção de uma academia de letras, a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, uma vez que a participação delas nas academias de letras “oficiais”, por todo o Brasil, era considerada proibida. A AFLAG era, portanto, uma alternativa na criação de locais que fossem receptivos e estimulantes para as mulheres. Conforme o anuário da Associação de 1970: No dia 09 de novembro de 1969, na Capital Goiânia do Estado de Goiás, na casa de nº123 da Avenida Tocantins, deu-se início, às 20 horas, à solenidade da fundação. Presidindo a reunião, Rosarita Fleury, Nelly Alves de Almeida e Ana Braga Contijo. Em discursos, ressaltaram que os propósitos e finalidades da Academia a ser fundada, é ser o ideal de todas, convidando para ocupar as cadeiras, as pioneiras da literatura goiana. A seguir, expôs Ana Braga, a dificuldade que passam os goianos do Norte, onde faltavam escolas. Rosarita, completou, defendendo a iniciativa da literatura e da cultura, levando Goiás para o mapa, para que seja respeitado como Estado das artes femininas, por fim, lembrou-lhes de seu livro “Elos da Mesma Corrente”, de 1958, da qual ganhou o prêmio Julia Lopes de Almeida, pela Academia Brasileira de Letras, em 1959 (ANUÁRIO, 1970, p. 58 apud SOUZA, 2017. p.62).

em Goiânia, e também assinou uma carta convidando as mulheres para participarem da Conferência Latino-americana de Mulheres, que ocorreu em agosto daquele mesmo ano, conforme consta nos jornais da época que circularam no Rio de Janeiro.

Figura 5. Manchete no Jornal carioca Diário de Notícias, edição de 4 de julho de 1954, p.4.

Conferência Latino-americana de Mulheres - Sua realização no Rio de Janeiro, de 7 a 11 de agosto próximo
ÀS MULHERES DA AMÉRICA LATINA

Somos a imensa população feminina do Continente americano. Com nossos braços, nossos corações, nossa inteligência, ajudamos a abrir os caminhos do futuro. Trabalhamos valerosamente nas cátedras, nos laboratórios, nos lares, nas fábricas e nos campos.

Muitos dos direitos que conquistamos, graças à perseverança, ao trabalho e à determinação de vencer nos são negados na realidade. E ainda temos outros a conquistar.

A imensa maioria de nossas crianças não conhece as alegrias da infância. Há milhões de crianças desamparadas e outros milhões vivem em condições precárias nos lares da pobreza.

E' que as dificuldades econômicas e a insegurança pesam sobre as famílias latino-americanas. Contribuir para modificar este estado de coisas, é nosso dever. Para cumpri-lo, devemos juntas erguer nossas vozes de mulheres e de mães por uma vida em que possamos olhar o futuro cheias de confiança.

Nossos povos alimentam a esperança de viver num mundo de liberdade e fraternidade, determinando os seus próprios desti-

Leivas de Carvalho Orico, Glauce Rocha, artista de teatro, Ste-linha Egg, radialista; Vanja Orico, artista de cinema; Gabriela Pinheiro Guimarães, Irene Wanderley, Maria Della Costa, artista de teatro; Teresa d'Amico, pintora; Ana L. Zeglio, vereadora por São Paulo; Virginia Artigas, pintora; Eunice Catunda, pianista; Helena Nisco Prado, professora; Olga Montana, vereadora por São Paulo; Berenice Artiga, deputado de Goiás; Maria José, vereadora de Goiânia; Amália Hermanno, advogada; Ursula Engel, enfermeira; Odete Vargas, pianista; Salmi Achear, diretora do Clube Social Feminino; Margarida Saboia, jornalista; Alia Benevides, burocrata, educadora; Thais Mendonça, professora; Lais Barreira, professora; Maria Luísa Pinto Mendonça, professora; Iracilda Gondim, radialista; Keila Vidigal, cantora; Irmãs Vocalistas Clóide e Adimir Moura; Ruth Moreira da Rocha, professora; Angelica Sousa Brasil, pintora; Joaquina Muniz Reis, médica; Virginia Moutinho de Sousa, Ruth Ribeiro, professora; Naura Sander, Lídia Hirsch, rádio atriz; Mina Chal-

ta; Marisa Muñoz de Liceaga, periodista, dirigente de la Unión Cívica Radical; Irma Oltar, obrera, vice-presidente de la UMA, dirigente del Movimiento por la Democracia y la Independencia Sindical; Elerinda F. de Guidiño Gramer, educadora; Clara Luz, secretaria de UMA; Laisa Rodrigues Ocampo de Baro, esposa de un ex-senador Demócrata Nacional; Octavia J. de Sas, doctora en filosofía, miembro del Consejo Integral por la Infancia; Graciara Scolamieri, educadora; Virginia Alvarez, obrera;

CHILE
 Lya Lafaye, deputada; Evangelina Espinoza, advogada; Olga Poblete, profesora de Historia y Geografía, Miembro del Consejo Mundial de la Paz, secretaria general del Comité Nacional de Partidarios de la Paz; dra. Juana Diaz Muñoz, médica; Elena Favre, visitadora Social; Blanca Hauser, cantora de Opera; Teresa Navarrete, Consejera Nacional de los trabajadores chilenos; Mercedes Lopes, Consejera da Federação Nacional Textil; Inés Basdat de Castilla, funcionária pública; Mercedes Fuentealba, Ama de Casa, presidente del Comité

Fonte: Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&Pesq=%22congresso%20nacional%20intelectuais%22&pagfis=33451 > set/2020.

O conteúdo da carta explicita os interesses de Ada e de tantas outras, envolvidas em projetos e iniciativas particulares ou coletivas na promoção de mulheres em ambientes públicos, acadêmicos e políticos. Por meio de

eventos e publicações, academia, federações, gabinetes formou-se uma verdadeira rede de apoio intelectual e artístico tecida por mulheres em Goiás e, dessa forma, convocando a participação de toda a sociedade goiana e buscando a inserção em ambientes dominados por sujeitos masculinos com o apoio e a legitimação da opinião pública (SANTOS, 2018).

Somos a imensa população feminina do continente americano. Com nossos braços, nossos corações, nossa inteligência, ajudamos a abrir os caminhos do futuro. Trabalhamos valorosamente nas cátedras, nos laboratórios, nos lares, nas fábricas e nos campos. Muitos dos direitos que conquistamos, graças à perseverança, ao trabalho e à determinação de vencer nos são negados na realidade. E ainda temos outros a conquistar [...]. Há milhões de crianças desamparadas e outros milhões vivem em condições precárias nos lares da pobreza. É que as dificuldades econômicas e a insegurança pesam sobre as famílias latino-americanas. Contribuir para modificar este estado de coisas, é nosso dever. Para cumpri-lo devemos juntas erguer nossas vozes de mulheres e de mães por uma vida em que possamos olhar o futuro cheias de confiança. [...] Estudemos as causas do nosso atraso econômico, estudemos as possibilidades do progresso de nossos países. Assim, estaremos capacitadas para influir na eliminação do atraso e da penúria.

Representemos as aspirações das mulheres do continente americano como fizeram as mulheres que, irmanadas no Congresso Mundial de Mulheres em Copenhague, eram duas mil e representavam uma parte da humanidade. [...] Mulher da América Latina! Sejas tu mãe ou mestra, enfermeira ou cientista, camponesa ou operária, seja teu trabalho singelo ou grandioso, manual ou intelectual, a ti é dirigido este apelo!

A mulher brasileira abrirá as portas de sua pátria para receber-te!

Vem, irmã do continente e dá o teu apoio e tua colaboração a CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE MULHERES, que se realizará no Rio de Janeiro em

agosto de 1954. Estreitemos nossas mãos pela felicidade da criança, pelos direitos da mulher, a paz e o conforto. Rio, 1954. (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, p.3, 4 julho 1954, n.7.913)¹⁰

Era nítido seu engajamento nas questões políticas e sociais da época. Como intelectual, as duas obras de maior destaque da autora foram o seu primeiro livro de contos *O Sonho do pracinha* e o seu romance *Morena*. Sobre o livro de contos, Orígenes Lessa comenta: “a capacidade de narrar é invejável. Os contos predem e estão cheios de interesse humano. Revelam uma contista de grande qualidade” (LESSA apud SCHAMTLZ, 2001, p.63). A autora aborda distintas temáticas e os textos variam entre ficção científica, realismo mágico e terror. Todos esses subgêneros que estão de alguma forma associados ao “fantástico”.

A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza no que se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais. No romance gótico, esses elementos são explícitos, logo, a incerteza não se manifesta, embora a contradição entre as duas configurações discursivas permaneça. O realismo mágico, por sua vez, mantém a conformação binária, mas elimina a contradição entre o real e o sobrenatural ou insólito: há a naturalização do sobrenatural ou a sobrenaturalização do real (CAMARANI, 2014, p.8).

O conto que dá título ao livro narra a utopia de um soldado. O personagem herói da trama é o “jovem pracinha” João Faria que durante

10 Disponível na Hemeroteca digital Brasileira < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&Pesq=%22congresso%20nacional%20intelectuais%22&pagfis=33449 > acesso set/2020.

uma tentativa de deserção, chega a uma cidade que mais parece um paraíso idílico do que uma cidade brasileira comum. Nesta cidade todos os cidadãos vivem de maneira organizada e feliz, as instituições políticas funcionam perfeitamente. Não há desigualdades econômicas explícitas, todos os indivíduos desempenham suas funções e vivem harmoniosamente, onde não se conhece a guerra a não ser, apenas, pelos livros de história. Nessa cidade maravilhosa, os escritores e intelectuais tem espaço de destaque, pertencem a um grupo social distinto e bastante valorizado. O jovem soldado fica incrédulo sobre este lugar, onde mesmo sendo um forasteiro, é acolhido e bem tratado. Nesse caso, o personagem demonstra um estranhamento irreduzível que pode ser considerado uma das características do gênero literatura fantástica (CAILLOIS apud TODOROV, 2010). Expressões de espanto surgem a todo momento na narrativa e o personagem hesita em aceitar que aquela cidade pertence à realidade concreta.

Ainda ali ele se apaixona por umas das moças que havia sido encarregada de lhe apresentar o local e, após sair da cidade para contar ao mundo sua descoberta surpreendente, ele não consegue mais retornar. A autora explora os sentimentos em relação à guerra, à ansia de paz e encontra na literatura uma maneira de expressar um descontentamento político tecendo críticas às instituições políticas. Esse tipo de narrativa oferece a possibilidade de análise dos comportamentos sociais e da cultura política, contrariando qualquer hipótese de que mulheres escreviam apenas sobre questões estritamente do “universo feminino”. Essas escritoras pensavam o futuro, o passado e o presente.

- Querida, creio que estou mesmo morto. Ele fala que estas coisas são do passado e eu as tenho

bem vivas na memória! Como se explica?! Aqui cheguei fugindo de uma guerra, como já lhe disse.

- Eu sei, meu bem, mas você não está morto, não. Há uma confusão que ainda não conseguimos saber qual seja. Vejamos, como se chama sua PÁTRIA?

- Brasil. E a sua?

- Brasil. Qual o seu governo?

- Democrático. E o seu?

- Democrático... Engraçado..., mas espere. Em que século vivem vocês?

- Século vinte.

- Século vinte?!!

Clícia deu uma gostosa gargalhada e respondeu:

- Aí está. Nós vivemos o século quarenta. Você vive no Brasil antigo (CURADO, 1954, p.30).

Ao final do primeiro conto do livro, o leitor encontra uma explicação objetiva para o delírio do “jovem pracinha”. João acorda em uma cama de hospital, mutilado em razão da guerra, acometido com uma “neurose comum nos combatentes” e aquela cidade, misteriosa e ideal, era apenas uma visão onírica. Esse desfecho aproxima o conto da categoria de “fantástico-estranho”, segundo Todorov (2010), pois apesar de toda hesitação do personagem e conseqüentemente de quem lê a obra, ao final existe uma explicação racional, plausível e completamente possível de acontecer no mundo real.

O livro é composto por outros contos. Em um deles, intitulado *A morte ronda por aí*, a autora flerta com o terror, narrando em primeira pessoa a experiência de uma mulher diante da morte, que passa todas as noites na porta de sua casa à procura de vítimas, até que um dia, o maior medo da

personagem central se concretiza: ela se vê diante de figura encapuzada em uma carroça e sabe que é seu fim. No conto *O que viveu sem nascer* é narrado um dilema familiar, a partir da história de um casal entusiasmado com a chegada do primeiro filho. Contudo, a personagem da mãe acaba abortando em decorrência de um acidente. Profundamente abalado, o casal parece não conseguir superar a perda e começa a imaginar como seria a vida se a criança tivesse nascido, crescido e convivido com eles. O casal delira e passa a organizar a vida em razão de um filho que não existe fisicamente. Esses e tantos outros contos revelam uma interessante profundidade psicológica e uma complexidade narrativa da autora.

Elementos da cultura popular e da religiosidade sertaneja são fundamentais em outro conto, *Estranha aventura*. Nele um homem, após fazer um pacto com o diabo para se tornar rico, é transformado em um gato e amarrado a uma ponte para morrer com a enchente durante a chuva. Animais peçonhentos, objetos enfeitiçados, lendas e conhecimentos populares também são encontrados nos demais contos de Ada.

O nascimento da literatura fantástica, no século XIX, é indissociável de todo um panorama político, cultural e social de lutas liberais, nacionalismos, renovações estéticas e desenvolvimento da ciência (TRITTER apud CAMARANI, 2014). Charles Nodier, escritor romântico do século XIX foi considerado um dos primeiros a refletir sobre este tipo de literatura e considera a fantasia um conforto para os homens [e para as mulheres] diante da ordinária vida humana (CAMARANI, 2014). Segundo ele, a imaginação faz surgir um “terceiro mundo”, não se tratando de um produto de mentes perturbadas e alucinadas, mas sendo uma resposta da articulação da imaginação humana, da inteligência e da espiritualidade. Por meio de seus textos, Ada Curado destacou as desigualdades, os

preconceitos, as injustiças sociais e raciais e as relações de poderes entre os gêneros que organizavam a vida social e ressaltavam o contraste entre as visões de mundo dos personagens, retratando exatamente as diferenças existentes no cenário sociopolítico cultural nacional.

A luta pelo poder político agitava a sociedade brasileira que se debatia entre a hegemonia rural, o capital urbano, financeiro, industrial, o despontar de uma classe média urbana e o operariado. A população crescia com a imigração e migrações internas, e a força de trabalho se concentrava nas cidades. A sociedade retinha valores e comportamentos da escravidão recém-abolida – de direito, mas não de fato –, e a nova estrutura socioeconômica era permeada por ideários anarquista e comunista. As tentativas de implantar novos direitos políticos e trabalhistas levaram mulheres e homens a integrar as várias forças em disputa (BLAY, 2019, p. 66-67).

Os contos que compõe a obra de Ada variam entre temas e estilos diversos e muitos deles se relacionam diretamente com *gênero fantástico*, que mistura o real ao imaginário no século XX, e que, de acordo com Todorov¹¹, transitam entre os subgêneros estranho e maravilhoso.

O maravilhoso corresponde a um fenômeno desconhecido, ainda não visto, o por vir: por consequência, a um futuro. No estranho, em troca, o inexplicável é reduzido a efeitos

11 Ainda segundo Todorov, o que as definições de literatura fantástica têm em comum é o fato de que nelas o misterioso, inexplicável e inadmissível se introduz de alguma forma no mundo real, ou no cotidiano comum. A relação entre o real e o impossível, na literatura fantástica vai além de uma simples oposição a realidade material, social política e econômica do autor e de seu público alvo precisa ser levada em consideração quando se analisa essas obras uma vez que essa realidade se torna indispensável para compreensão da obra.

conhecidos, a uma experiência prévia, e, dessa sorte, ao passado” (TODOROV, 2010, p.24)

Esse tipo de narrativa de caráter futurista e político foi explorado desde finais do século XIX por mulheres no Brasil, como por exemplo, uma das primeiras obras genuinamente fantástica escrita em 1899, *Rainha do ignoto*, de autoria da cearense Emília de Freitas. Outro exemplo profícuo foi a publicação em 1929, por Adalzira Bittencourt no Rio de Janeiro, com a obra *Vossa excelência A Presidente da República no ano de 2500*. Assim como na obra de Ada Curado, o país descrito por Adalzira é o Brasil do futuro, idealizado e perfeito. Em *Vossa excelência A Presidente da República no ano de 2500*, o país havia se tornado uma referência política, cultural e econômica, era a nação mais desenvolvida do mundo, contava com uma população disciplinada, regida por princípios eugenistas, um amplo sistema de infraestrutura e comunicação tecnológicos, uma economia estável e forte e era presidida, pela primeira vez, por uma mulher. Uma nação onde o feminismo “triunfou”.

Foi apenas com outra obra, o romance *Morena*, que a consagração de Ada Curado se efetivou nacionalmente, sendo citada em jornais e revistas de diversos locais, tais como Rio de Janeiro e Brasília. Nesse romance, Ada nos apresenta uma protagonista feminina chamada genericamente de “Morena” que se muda com seu marido e seus filhos para o interior de Goiás. A vida no campo seguia seu curso, muito trabalho na casa e com os filhos, até que o marido de Morena falece, deixando-a sozinha com os filhos. A partir desse acontecimento, poderosos fazendeiros locais começam a perseguir e a ameaçar Morena com objetivo de tomar suas terras. A obra retrata personagens diversos, os filhos de Morena, e figuras urbanas como, por exemplo, a cunhada Ieda, que visita Morena ao longo da

trama e causa um grande desconforto em razão de seus comportamentos que destoam da vida campesina. O livro narra com detalhes aspectos da vida social, cultural e política goiana como as festas populares do Divino, as Congadas e Cavalhadas, e a passagem da Coluna Prestes por Goiás.¹²

O romance *Morena* de Ada teve tamanha repercussão que chegou a concorrer ao Prêmio Júlia Lopes de Almeida, no ano de 1959, ficando em segundo lugar.¹³ De qualquer forma, Ada teve uma grande projeção nacional sendo citada em importantes veículos como a Revista Brasileira de Folclore. Na publicação da Revista Leitura, de março de 1959, o romance *Morena* é descrito como uma obra que contribui para os estudos das manifestações folclóricas em Goiás.

Pesquisas recentes, orientadas pelas perspectivas de gênero, tem tido interesse em apontar e desvelar o que a historiografia e a crítica literária dominante negligenciaram: mulheres construindo o tempo e o espaço, “criando mundos”, utilizando-se do insólito, do trágico e das narrativas regionalistas, para aprofundar discussões políticas, sociais, morais e filosóficas. Ada Curado sempre trouxe em suas obras referências a importantes episódios políticos da primeira década do século XX, como o deslocamento da Coluna Prestes e outros episódios da vida política,

12 Especula-se que o livro teria sido escrito inspirado em uma cunhada de Ada, chamada Alcides, irmã do marido de Ada. Quando essa descobriu, ficou profundamente aborrecida, pois acreditava que a obra poderia expor sua família, a relação entre as duas ficou abalada por vários anos. Sobre o assunto ver: MACEDO-ECKEL. Ercília. Os estímulos literários em Ada Curado (Sociologia e historicidade da Autora) In: ‘erciliamacedoescritora’. Disponível <http://www.erciliamacedoescritora.com.br/Os%20estimulos%20literarios%20em%20Ada%20Curado.pdf>Acesso em 10. Ago.2020.

13 A vencedora foi outra escritora goiana, Rosarita Fleury com o texto *Elos da Mesma corrente*.

situando-a no mesmo campo intelectual de atuação de escritores homens que mobilizaram categorias diversas para pensar o espaço geográfico e simbólico denominado “Brasil”.

Ada Curado simbolizou a modernidade contística feminina goiana. Iniciando como vimos em 1954, continuou escrevendo livros de contos sendo o seu último publicado em 1985, 31 anos depois. Esta última obra, intitulada *Figurões*, já apontava uma evolução temática e estética” (CURADO, 2003, p.101).

Sua produção foi variada, intensa e constante. A temática feminista esteve muito presente nas produções de Ada, como no livro de poemas *Acalanto*, sua última obra publicada aos 75 anos de idade, e que só evidencia o vigor artístico de uma escritora que se manteve fiel ao seu trabalho por toda a sua vida. Em seus poemas ela buscou ressaltar a força das mulheres e questões delicadas como solidão e violência. “Na narrativa de Ada Curado há também, muitas situações repressoras em relação ao tabu do corpo da mulher” (AYRES 1996, p. 95 apud CURADO, 2003, p.102). Temas como conflitos familiares e violência doméstica, sofridos pelas mulheres, também encontraram espaço em seus escritos. A literatura enquanto representação e fonte histórica acabou sintetizando o conhecimento a respeito do espaço ou contexto ao qual ela se refere. Tanto nos centros urbanos litorâneos quanto nos sertões interioranos, as mulheres traçaram táticas para ocuparem e se manterem, politicamente e intelectualmente neste espaço, historicamente negado a elas (SOIHET, 2006).

A literatura se apropria não só do passado, como também de documentos e das técnicas da disciplina histórica, como o dispositivo de criar o “efeito de realidade” [...] destinadas

a carregar a ficção de um peso de realidade” (BORGES apud CAETANO, 2015, p.30).

Contudo, os estudos da literatura goiana se concentram em autores consagrados pelo cânone, como Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, que têm grande importância dentro do cenário das letras goianas, mas que não foram os únicos intelectuais que pensavam o estado e a nação nas primeiras décadas do século XX. Esse destaque apenas aos autores masculinos tem deixado à margem tudo o que foi produzido pelas mulheres no e sobre o Brasil. Nesse sentido, é indispensável que o nome e o trabalho de mulheres como Ada Curado sejam recolocados na História, pois suas narrativas revelam pontos de vista particulares e eruditos, estruturando uma reflexão contundente e complexa sobre a sociedade em Goiás e no Brasil do século XX.

FONTES

CURADO, Ada. *O Sonho do Pracinha e outros contos*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1954.

_____. *Morena* (romance). São Paulo: Revista dos Tribunais, 1958.

JORNAL O LAR, Cidade de Goiás: n.1 ao 110, agosto de 1926 até março de 1932.

JORNAL OIÓ, Goiânia, abril de 1957.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1954.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 13 de dezembro

de 1953.

JORNAL DE NOTÍCIAS, Goiânia, 1º de março de 1959.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1954.

SCHAMLTZ, Yeda. *Homenagem a Ada Curado*. Revista 1998-2001. Academia Feminina de Artes e Letras de Goiás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, Cristiano; OLIVEIRA, Eliézer, ARRAIS, Tadeu. O século XX em Goiás. O advento da modernização. Goiânia: Cânone, 2016.

BLAY, Eva Alterman. Como as mulheres se construíram como agentes políticas e democráticas: o caso brasileiro. In: Eva A. Blay e Lúcia Avelar (orgs.) 50 anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile. A construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São Paulo: EDUSP, 2019, p. 65-97.

CAMARANI, Ana Luiza S. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo – SP: Cultura acadêmica, 20014.

CAETANO, Elisa Silva. *O sertão do Brasil Central na literatura de João de Minas*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. *Sopro em brasas Dormentes: Inventário das precursoras da Literatura em Goiás*. 2003. 136f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de

Goiás, Faculdade de letras, 2003.

DUARTE, Constância. *A mulher das letras: rastros de uma história*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009.

FACINA, Adriana. *Literatura & Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

KOFES, Maria Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MACEDO-ECKEL, Ercilia. *Os estímulos literários em Ada Curado* (Sociologia e historicidade da Autora) in: site 'erciliamacedoescritora'. Disponível < <http://www.erciliamacedoescritora.com.br/Os%20estimulos%20literarios%20em%20Ada%20Curado.pdf>> Acesso em 10.ago.2020.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções: Corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005.

PRADO, Paulo Britto do. *Por uma história dos silêncios: Mulheres, guardiãs e cultura na cidade de Goiás* (década de 1960). *História, histórias*. Brasília, vol. 3, n. 6, 2015. Disponível em < <http://ojs.bce.unb.br/index.php/hh/article/view/13061/13284>> Acesso set/2020.

SCOTT, Joan. *Gênero e as Políticas da História: Trinta anos depois*. (Tradução de Ana Carolina Eiras Coelho Soares). In: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho e ZARBATO, Jaqueline Ap. M. *História das Mulheres e das Relações de Gênero no Centro Oeste: trajetórias e desafios*. Campo Grande: Life, 2020, p. 11-22.

SANTOS, Danielle Silva Moreira dos. *Construindo o lar e conquistando a rua: Discursos e práticas “femininas” no jornal o Lar (1926-1932) escrito por mulheres em Goiás*. Dissertação Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, UFG, 2018.

- SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho e ZARBATO, Jaqueline Ap. M. História das Mulheres e das Relações de Gênero no Centro Oeste: trajetórias e desafios. Campo Grande: Life, 2020.
- SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis, Mulheres, 2006.
- SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- SOUZA, Talita Michelle. *A história de mulheres escritoras em Goiás: atravessando trajetórias e produções literárias*. Dissertação Mestrado, programa de Pós-graduação em História, UFG, 2017.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.